

América Latina como valor-notícia: *critérios de noticiabilidade latino-americanos na revista Nossa América*

Alexandre Barbosa

Pós-doutor em Comunicação pela Unesp-Bauru.
Doutor e mestre em Comunicação pela ECA-USP
Especialista em Jornalismo Internacional pela PUC-SP
Pesquisador e professor do CELACC-USP
Gerente de Assuntos Acadêmicos do CBEAL
do Memorial da América Latina
E-mail: prof.alexandrebarbosa@gmail.com

Recebido: 30 mai. 2022

Aprovado: 21 nov. 2022

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar como o conceito amplo de América Latina pode ser considerado um valor-notícia no jornalismo a partir do estudo de caso da publicação *Nossa América* (edições 57, 58 e 59), revista semestral do Memorial da América Latina. A América Latina é compreendida aqui como conceito de posicionamento geopolítico, histórico e ideológico, para além das definições de limites geográficos ou linguísticos. Este conceito serve como parâmetro para definir critérios de seleção e construção de notícias, mesmo quando a publicação tem como pauta assuntos que, em princípio, seriam ligados somente ao Brasil.

Palavras-chave: Revista Nossa América. Critérios de Noticiabilidade. América Latina. Decolonialismo. Jornalismo Latino-americano.

Abstract: The objective of this article is to show how the concept of Latin America can be considered a news value in journalism based on the case study of the publication *Nossa América*, the biannual magazine of Memorial da América Latina. Latin America is understood here as a concept of geopolitical, historical and ideological positioning, beyond the definitions of geographic or linguistic limits. This concept serves as a parameter to define criteria for selection and construction of news, even when the publication has topics that, in principle, would be linked only to Brazil.

Keywords: Nossa America Magazine. Newsworthiness. Latin America. Decolonialism. Latin American Journalism.

Resumen: El objetivo de este artículo es mostrar cómo el concepto amplio de América Latina puede ser considerado un valor informativo en el periodismo a partir del estudio de caso de la publicación *Nossa América* (ediciones 57, 58 y 59), revista semestral del Memorial da América Latina. América Latina se entiende aquí como un concepto de posicionamiento geopolítico, histórico e ideológico, más allá de las definiciones de límites geográficos o lingüísticos. Este concepto sirve como parámetro para definir criterios de selección y construcción de noticias, incluso cuando la publicación tenga temas que, en principio, estarían vinculados solo a Brasil.

Palabras clave: Revista Nossa América. Criterios de Reportabilidad. América Latina. Decolonialismo. Periodismo Latinoamericano.

1. Conceito de América Latina

A definição sobre quais países integram a América Latina, mais do que um procedimento metodológico, é um posicionamento ideológico, principalmente se esta definição torna-se valor-notícia de um veículo jornalístico que se proponha decolonial ou que pretenda ter pauta e abordagens decoloniais¹, como é o caso da revista *Nossa América*, publicação institucional da Fundação Memorial da América Latina.

Um veículo de comunicação sobre a América Latina e voltado ao público latino-americano tem necessidade de definir, minimamente, quais países e quais temas são considerados latino-americanos. Não só por um formalismo jornalístico de precisar público alvo ou responder à pergunta “quem” do *lide*, mas, principalmente, porque essa definição impacta na seleção e construção de notícias que descolonizem o conhecimento sobre e da América Latina.

A dificuldade de conceituar o que é América Latina começa pelo próprio termo do ponto de vista geográfico e cultural.

¿Qué se entiende geográficamente por América Latina? ¿El conjunto de los países de América del Sur y América Central? Desde luego, pero según los geógrafos México pertenece a América del Norte. ¿Quizá para simplificar debemos conformarnos con englobar bajo esta denominación a las naciones al sur del río Bravo? Pero entonces habría que admitir que Guyana y Belice donde se habla inglés y el Surinam de habla holandesa forman parte de América Latina. A primera vista se trata de un concepto cultural. Y nos inclinaríamos a pensar que cubre exclusivamente las naciones de cultura latina de América. Ahora bien, aunque con Quebec, Canadá sea infinitamente más latina que Belice y tanto como Puerto Rico, estado libre asociado de Estados Unidos, nunca nadie ha pensado incluirlo, ni siquiera al nivel de su provincia francohablante, en su subconjunto latinoamericano (ROUQUIÉ, 1994, p. 17).

A palavra “latina” é um dos motivos de dúvida.

A precisa origem do termo tem sido alvo de controvérsias. Para uma corrente, os franceses propuseram o nome como forma de justificar, por intermédio de uma pretensa identidade latina, as ambições da França sobre essa parte da América. Para outra, foram os próprios latino-americanos que cunharam a expressão para defender a ideia da unidade da região frente ao poder já anunciado dos Estados Unidos (PRADO, 2020, p. 8).

Simón Bolívar, na Carta da Jamaica, de 1815, chama a todos de americanos, incluindo os que chama de “irmãos do Norte”. Ainda que não incluía o Brasil, Bolívar já tece ali as ideias de unidade ao descrever como México, a Guatemala até o istmo do Panamá, Venezuela, Nova Granada, Alto Peru, Chile e Buenos Aires, incluindo as ilhas de Porto Rico e Cuba, tinham um mesmo objetivo: a luta contra um inimigo comum e o desejo de liberdade. Interessante como Bolívar integra as ilhas de Porto Rico e Cuba. Não é a condição geográfica, mas o fato de ambas também sofrerem as consequências das imposições do império espanhol.

El velo se ha rasgado: ya hemos visto la luz, y se nos quiere volver a las tinieblas; se han roto las cadenas; ya hemos sido libres, y nuestros enemigos pretenden de nuevo esclavizarnos. Por lo tanto, la América combate con despecho, y rara vez la desesperación no ha arrastrado tras sí a la victoria. (...) Las islas de Puerto Rico y Cuba, (...) porque están fuera del contacto de los independientes. Mas, ¿no son americanos estos insulares?, ¿no son vejados?, ¿no desean su bienestar? (...) Mas nosotros (...) no somos indios ni europeos, sino una especie media entre los legítimos propietarios del país y los usurpadores españoles (BOLÍVAR, 2021, p. 104-108).

O argentino Manuel Ugarte, no século XX, também enxerga a unidade por meio da luta, agora não contra o império espanhol, mas aos novos impérios coloniais. Antes (RAMOS, 2014, p. 54), ele havia explicado que Pátria Grande teria dois significados. Um geográfico, que seria o conjunto de todas as repúblicas de tradição ibérica e outro, cultural, que evocaria o sentimento de nacionalista de cada uma dessas repúblicas. É o significado cultural que se sobrepõe: “será necessário concluir a obra e defender em todas as esferas a comum independência. Há que frear as invasões imperialistas que se estendem seu desejo sobre a tentação do continente dividido (UGARTE *apud* RAMOS, 2021, p. 56).

Para Maria Ligia Prado (2020, p. 9), a América Latina é “uma denominação hegemônica, sendo adotada internacionalmente por historiadores, cientistas sociais e pela imprensa em geral”. Citando a historiadora Monica Quijada, Maria Ligia Prado defende que a denominação “América Latina” não é uma denominação imposta por interesses alheios, mas um nome adotado conscientemente para atender às próprias reivindicações. “A partir daí, foi se construindo uma identidade latino-americana em oposição aos anglo-americanos dos Estados Unidos” (PRADO, 2020, p. 9).

Portanto, mais do que generalização, a identidade latino-americana surge, justamente, das contradições e processos históricos que esculpiram a região nesta parte

do globo. A América Latina existe não como categorias geográfica e linguísticas previamente estabelecidas, mas como uma extrapolação destes conceitos, como oposição ao que ela não é. Ser latino-americano implica em ter histórico comum, marcado pela colonização, em estar na periferia do capitalismo como nações em vias de desenvolvimento tanto do ponto de vista comercial e industrial, como também de circulação de bens culturais.

A primera vista, nos hallamos frente a una *América marcada por la colonización* (...) que se define por contraste con la América anglosajona. (...) Todas esas naciones, cualesquiera que sean su riqueza y su prosperidad, *ocupan en efecto el mismo lugar en la discrepancia Norte-Sur*. Aparecen en vías de desarrollo o de industrialización y *ninguna forma parte del "centro" desarrollado*. Dicho de otra manera, esos países se inscriben entre los estados de la "periferia" del mundo industrial. Pero tienen por añadidura varias particularidades comunes. *Todos dependen históricamente del mercado mundial como productores de materias primas y de bienes alimentarios* (en ello el estaño de Bolivia no es diferente de la nuez moscada de Granada), *pero igualmente del "centro", que determina las fluctuaciones de precios, les proporciona tecnología civil y militar, los capitales y los modelos culturales* (ROUQUIÉ, 1994, p. 20-21).

A América Latina, dos pontos de vista histórico e geopolítico, pode ser compreendida como uma região em que o processo de conquista empreendido pelas nações europeias, independentemente da língua ou da origem (ibérica ou não) forjou sociedades profundamente marcadas pelos processos coloniais que guardam mais semelhanças do que diferenças. Estas marcas são: a condição de periferia do Capitalismo, o racismo e o machismo.

É uma região inserida como periferia na lógica capitalista, com elites, como denominou Eduardo Galeano (1982), “dominantes para dentro e dominadas para fora”.

(...) a história do subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos (...). Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominadas para fora – é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga (GALEANO, 1982, p. 14).

Desde a conquista, a adoção do modelo econômico primário-exportador baseado no escravismo produziu estruturas sociais que se perpetuam na atualidade latino-americana: violentas, racistas e machistas, em que se misturam as desigualdades sociais, econômicas, políticas, étnicas e de acesso ao Estado.

América Latina como valor-notícia

Aqui persiste uma mentalidade e lógica dos latifúndios, cujos senhores viraram os coronéis da Primeira República, parte dos quais ainda se encastelam em seus estados, como caciques políticos e eleitorais. (...) Desde o período colonial, passando pelo império e chegando à República, temos praticado uma cidadania incompleta, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexismo, discriminação e violência (SCHWARCZ, 2019, s/p.).

Darcy Ribeiro (2021, p. 67), ao questionar se a América Latina existe responde que “não há dúvida que sim”, numa “uniformidade sem unidade”.

Por cima das linhas cruzadas de tantos fatores de diferenciação — a origem do colonizador, a presença ou ausência e o peso do contingente indígena e africano e de outros componentes —, o que sobressai no mundo latino-americano é a unidade do produto resultante da expansão [europeia] (...). O observador distante poderia argumentar: por acaso todos vocês não são os descendentes da matriz indígena? Os resultados da colonização (...)? Não se emanciparam todos no curso de um mesmo movimento de descolonização? Ou não são os que, depois de independentes, hipotecaram seus países, sem distinção, aos banqueiros ingleses? Vocês se reconhecem ou não como os que foram e estão sendo recolonizados pelas corporações norte-americanas? (RIBEIRO, 2021, p. 79)

Darcy Ribeiro completa: “por todo estes fatores de diversificação e de unificação, o motor de integração que operou e ainda opera na América Latina reside no fato de sermos o produto de um mesmo processo civilizatório – a expansão [europeia] que aqui implantou seus rebentos com prodigiosa capacidade de crescer e multiplicar” (RIBEIRO, 2021, p. 80).

A partir deste cenário, pode-se deduzir que pertencem à América Latina, pelas características históricas, geopolíticas e culturais explanadas até agora, os seguintes países:

Tabela 1. Lista de países da América Latina a partir das definições históricas e geopolíticas

AMÉRICA LATINA		
Antígua e Barbuda	El Salvador	Paraguai
Argentina	Equador	Peru
Aruba	Grenada	Porto Rico
Bahamas (Commonwealth das)	Guatemala	República Dominicana
Barbados	Guiana	Santa Lúcia
Belize	Haiti	São Vicente e Granadinas

Bermudas	Honduras	St. Kitts e Nevis
Bolívia,	Ilhas Cayman	Suriname
Brasil,	Ilhas virgens britânicas	Trinidad e Tobago
Chile,	Ilhas virgens dos EUA	Uruguai
Colômbia,	Jamaica	Venezuela
Costa Rica,	México	
Cuba,	Nicarágua	
Dominica (Commonwealth da)	Panamá	

Fonte: Tabela produzida pelo autor deste artigo

Nesta lista, há países que falam inglês como língua principal, outros, francês, português, espanhol ou holandês. Há os de colonização ibérica e os que ainda fazem parte do *Commonwealth*. Há estados com maior presença de povos originários e aqueles que se formaram a partir dos entrepostos do tráfico de escravizados. Essa é a América Latina. Em comum, os traços de identidade forjados pelos anos de exploração colonial e neocolonial citados na primeira parte deste artigo.

2. Critérios de noticiabilidade para a revista *Nossa América*

A partir desta definição do que é a América Latina, pode-se traçar as linhas que conduziram o processo de seleção e construção de notícias para a revista *Nossa América*. As notícias não são fruto do espelho da sociedade (PENA, 2005, p. 126), mas resultado do processo de seleção dos fatos que irão se tornar notícia e do processo de construção – a transformação do relato desses fatos em notícia. A estes dois processos dá-se o nome de critérios de noticiabilidade.

Como mostrou Jorge Pedro Sousa (2002), há várias forças que agem em todas as etapas da produção jornalística. Os valores-notícia – que são a análise direta do acontecimento; a avaliação se o contexto possibilita a cobertura de determinado acontecimento e as técnicas de redação utilizadas para relatar o acontecimento – sofrem influências que vão da formação pessoal do jornalista, passando pela interferência da instituição proprietária do veículo jornalístico até ação da ideologia dominante.

A partir da pesquisa de pós-doutorado realizada junto ao Departamento de Comunicação da FAAC, campus Bauru da Unesp, (BARBOSA, 2022) observou-se que, no caso da América Latina, tanto a definição dos valores-notícia quanto a análise das forças que agem nos critérios de noticiabilidade poderiam ser atualizadas à luz dos estudos decoloniais.

Assim, um veículo jornalístico que se proponha latino-americano (e latino-americano com abordagem decolonial) pode lançar mão de critérios de noticiabilidade que ultrapassem a lógica colonial (racista, machista e opressora). Propõem-se valores-notícia latino-americanos, entre eles, o valor-notícia pertencer à América Latina: uma região, país ou comunidade que é considerada latino-americana passa a ter noticiabilidade para este veículo.

- a) *O conceito amplo de América Latina.* O termo América Latina é compreendido como posicionamento geopolítico e histórico, o que abarca mais nações latino-americanas do que a separação por línguas ou fronteiras geográficas.
- b) *Seleção de fontes latino-americanas:* Entende-se que o jornalismo latino-americano, para não seguir legitimando o discurso colonial, priorize fontes que foram historicamente silenciadas: os povos originários, os de matriz africana, as camadas mais pobres, as mulheres e as populações LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bisswexuais, Transexuais, Queers, Intersexs, Assexuados e afins).
- c) *Prioridade para a cultura popular latino-americana,* aquela que gera ou reforça a identidade de uma comunidade. Diante do secular silenciamento (ou até criminalização) das culturas populares latino-americanas, imposto tanto pela historiografia oficial, como pela indústria jornalística — ambas organicamente ligadas às classes dominantes — essas manifestações tornam-se valores-notícia significativos para os veículos latino-americanos e decoloniais.

A seguir, serão vistos como estes valores-notícia são critérios de noticiabilidade na produção da revista *Nossa América*, edições de 57 a 59.

3. Seleção e construção das notícias nas revistas *Nossa América* 57, 58 e 59

3.1 Edição 57

A edição 57 da revista *Nossa América* foi produzida sob o impacto da pandemia da Covid-19. A pauta não tinha uma temática especial, foi inspirada nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, da ONU, e tinha 4 seções: educomunicação, gênero, língua e origens. Dos textos publicados, destaca-se “O renascimento dos garífunas”.

Fig. 1 Reprodução da reportagem sobre o arquipélago de São Vicente e Granadinas.



Fonte: Memorial da América Latina.

A reportagem entrevista o cineasta são vicentino Akley Otton e conta aspectos do arquipélago São Vicente e Granadinas, situado entre o Mar do Caribe e o Atlântico Norte, perto de Santa Lúcia, Granada e Barbados. São Vicente e Granadinas é um país resultante da colonização britânica. Tem inglês como língua principal e, como a reportagem afirma, tem muitas semelhanças, na história e na cultura, com o Brasil e os demais vizinhos latino-americanos.

Em seus 389 km² de superfície, montanhas arredondadas cobertas de vegetação tropical e plantações de banana dividem a cena com pequenos afloramentos rochosos e recifes de coral. O clima tropical, os veleiros e as lanchas ancorados em águas calmas, os luxuosos resorts, a população majoritariamente negra convivendo com turistas estrangeiros, as cores verde, amarela e azul da bandeira... Tudo isso poderia sugerir a alguém desavisado estar em algum ponto do litoral brasileiro. Mas São Vicente e Granadinas tem outras semelhanças menos paradisíacas com o Brasil – e com toda a América Latina. Os são-vicentinos compartilham com brasileiros e com os demais latino-americanos um mesmo passado de exploração colonial e desafios semelhantes para o desenvolvimento e a superação das desigualdades herdadas dessa história (NOSSA AMÉRICA, 2021, p. 53).

O texto está publicado na seção “origens”, que traz também artigo sobre o cinema produzido por indígenas no Brasil e sobre a produção do chocolate no Equador. Ambas podem ser consideradas decoloniais (uma por dar protagonismo à produção audiovisual indígena e outra por mostrar a tentativa do Equador de acrescentar mais valor à produção de cacau, agora na indústria do chocolate). A de São Vicente é importante por incluir o país no rol de países latino-americanos

“Sim, nós somos América Latina”, diz Akley Otton, cineasta afrocaribenho de 33 anos que nasceu e vive em São Vicente e Granadinas (...). Ele é um exemplo de alguém de origem anglófona que está se descobrindo latino-americano (...). Akley conversou com a revista Nossa América por videoconferência de sua casa, numa colina de Kingston, a capital do país, mesclando o inglês e o espanhol. A afirmação de Akley questiona a separação entre os países que falam inglês (ou holandês, ou francês) e os demais países latino-americanos (NOSSA AMÉRICA, 2021, p. 53)

O foco do texto é a identidade latino-americana:

A dúvida sobre a sua origem e identidade permaneceu até ele assistir a uma conferência sobre memória indígena em que a palestrante, de Belize, disse que voltava a São Vicente por ser sua terra natal. Essa declaração desconcertou Akley, que sempre considerara a África como a pátria originária dos negros. Pesquisas, leituras e viagens a Honduras e Guatemala o levaram a perceber que a proximidade entre os países da América Latina era maior do que ele imaginava. “Na praia, em Honduras, era o mesmo pescado, o mesmo coco, as

mesmas receitas de comida que em São Vicente”, conta. “Só que as pessoas falavam espanhol, não inglês. Foi como um choque de identidade”. Foi esse choque que germinou em Akley a necessidade de compartilhar histórias de São Vicente diferentes daquelas contadas pelos ingleses. Nessas histórias estão, nas palavras de Akley, a desigualdade dos resorts em que “brancos comem e negros servem” – e está Joseph Chatoyer, um Toussaint L’Ouverture, um Simón Bolívar, um Zumbi dos Palmares de São Vicente e Granadinas (NOSSA AMÉRICA, 2021, p. 58)

3.2 Edição 58

A edição 58 da revista *Nossa América* foi dedicada ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, tema ligado à história e à cultura brasileiras. Para enfatizar que o Brasil faz parte da América Latina e, portanto, a cultura popular brasileira é também cultura latino-americana, a revista trouxe artigo sobre o “Modernismo e a integração latino-americana”, sobre o diplomata e intelectual mexicano Alfonso Reyes, que promoveu intensa troca de correspondências com os modernistas brasileiros.

Fig. 2. Reprodução de artigo sobre modernismo e a integração da América Latina, na revista especial sobre a Semana de 22.



Fonte: Memorial da América Latina.

3.2 Edição 59

Assim como a edição anterior, o número 59 tem tema muito ligado à história brasileira: os 200 anos da independência do Brasil. Para manter o objetivo da revista de promover a integração latino-americana, *Nossa América* trouxe artigos que inserem o Brasil como país latino-americano:

- a) “O Haiti, a escravidão e a Independência do Brasil”, escrito por Soraya Matos de Freitas. Texto sobre a revolução de escravizados no Haiti que mostra como os acontecimentos no Haiti impactaram os demais processos de independência e libertação de escravizados.
- b) “Por trás da mistificação, uma heroína da independência latino-americana”, de autoria de Lília Maria Silva Macêdo, o texto contextualiza a independência brasileira dentro de um processo maior das independências e mostra como houve, ao longo da história, o apagamento da figura de Manuelita em relação à figura masculina de Bolívar.
- c) O artigo “Conheço o monstro, já vivi em suas entranhas”, da pesquisadora Regiane Gouveia, fala sobre José Martí, que tentou continuar o sonho de integração de Simón Bolívar e já alertava, no século XIX, que a integração latino-americana seria resistência ao crescente imperialismo norte-americano.
- d) “A pintura e a construção das identidades nacionais na América Latina”, texto de Maria Lígia Coelho Prado mostra as semelhanças que existem na história e na cultura latino-americana a partir da análise de pinturas que retratam as independências na Argentina, no México, no Uruguai, na Venezuela e no Brasil.

Fig. 3. Reproduções de textos da edição 59 da revista *Nossa América*: mesmo a pauta dedicada ao bicentenário da independência do Brasil, o contexto latino-americano está presente.





General Toussaint Louverture - O general francês que liderou a revolução haitiana (1793-1804). Pintado por Jean-Baptiste Debret, 1825. Museu do Louvre, Paris.

66

O Haiti, a escravidão e a independência do Brasil

A Revolução Haitiana repercutiu em várias lutas de libertação no continente e também na decisão de acabar ou não com a escravidão

Soraya Matos de Freitas

Em 1º de janeiro de 1804, após longos anos de revolução, a pequena e valerosa colônia francesa na ilha do Caribe, Saint Domingue, se transformava em um novo país, o primeiro nas Américas livre da escravidão. Libertada por um ex-escravo, Jean-Jacques Dessalines, foi a independência mais radical de todo o continente americano. O que ocorreu nesse pequeno país do Caribe repercutiu em várias das independências no continente e também na manutenção ou não da escravidão nos países que se formaram, inclusive na América Portuguesa.

Apartar de ter sido Toussaint a declarar a independência do Haiti, o grande herói foi outro ex-escravo, Toussaint L'Ouverture (nome que significa "abertura" e foi dado a ele na Revolução). François-Dominique Toussaint Brede foi um personagem intrigante. Escravo em uma fazenda de gado, tornou-se o protegido do administrador da propriedade, que ensinou a ler. François-Dominique teve a oportunidade de ler alguns livros que chegaram da metrópole francesa, entre os quais a análise das Américas feita por Abade Raynal. Escrita com riqueza de detalhes sob o título de "Formas de colonização do Novo Mundo", a obra controversa foi causadora da perseguição e prisão de Toussaint e da consequente proibição de nova publicação do livro.

Talvez essa leitura a ele tenha sido importante de L'Ouverture, pois nos seus conceitos colonos e dos escravizados eram bem retratados. No momento da revolução, no entanto, Toussaint já não era mais escravo. Vivia com a esposa e os

filhos em sua propriedade e trabalhava nela com mais 15 escravos. Sim, ele era um afortunado dono de escravos e de uma propriedade. Sua afortunada 30 anos e a vida que construiu não eram a regra entre os escravizados, mas a exceção. Toussaint trouxe a sua leitura que construiu a vida de anos de libertação pela Revolução. Manter-se neutro não era uma opção para ele. Engajou-se no processo revolucionário, foi líder e herói. Sob sua liderança os haitianos venceram tantos exércitos franceses como os espanhóis e os ingleses. Com a vitória se abalou a uma correnteza, revelando-se um notável articulador durante todo o processo revolucionário. No entanto, caiu na armadilha tramada por Napoleão: aceitou um convite para ir à França, onde foi preso já na chegada e morreu na prisão, em 1803, nove meses antes da conquista da independência.

Liberdade e igualdade em tempos de escravidão

Qualquer que seja o ângulo de análise feita sobre colonização, escravidão e independências nas Américas na transição entre os séculos XVII e XIX, é impossível ignorar o impacto ocorrido na produção e no consumo de "Bérrida das Antilhas", o Haiti.

Os conceitos iluministas de liberdade e igualdade – presentes em duas revoluções burguesas, a Revolução Americana e a Francesa, e certamente nas análises de Raynal lidas por Toussaint – foram ressignificados nessa pequena parte das Antilhas. Liberdade era uma palavra perigosa para a quem vivia na escravidão e igualdade não era diferente para os que bus-



Lilia Maria Silva Macêdo

76

Por trás da mistificação, uma heroína da independência latino-americana

Estigmatizada como a amante do Libertador, Manuela Sáenz encarnou uma verdadeira heroína de luta em que o ideal de libertação da pátria cruzou-se com o ideal de libertação das mulheres

Lilia Maria Silva Macêdo

Em meio aos ídolos e às mistificações das guerras de independência, Manuela Sáenz e Simón Bolívar tornaram um casal emblemático para a história latino-americana. Emblemas pelo mesmo sonho de emancipação colonial e criação de uma pátria grande, livre e soberana, suas trajetórias convergiram para o encontro. É a partir de então se mantiveram entrelaçadas e dedicadas a este projeto revolucionário.

Contudo, após o triunfo, o destino dos amantes não pôde ser tão feliz. O vergente ex-guerrillero Bolívar foi detestado e exilado ao longo de sua vida. Sáenz foi rebatida a posições secundárias, quando não completamente esquecida. Foi o tempo na história como protagonista de um movimento que surgiu através das associações.

La foto muestra a la esposa de Bolívar, María Sáenz, en un momento de su vida. Fuente: Figueras, 196. W. B. E. de la Universidad de los Andes.

As memórias do general Daniel Florencio O'Leary (1883), militar irlandês que se tornou o primeiro historiador latino-americano a fazer referência para os estudos historiográficos por compor um acervo documental da campanha libertadora. Néia, Manuela Sáenz não aparece senão em um apêndice, é uma das testemunhas a dar a sua versão dos fatos relativos ao acontecimento histórico a Bolívar em 24 de setembro de 1818.

Em meio de rodapé, para esclarecer, quando aquela mulher que ajudou a salvar a vida do Libertador, foi incluída em uma carta em que O'Leary a apresenta como a "curandeira" de Bolívar, ficando o caráter de sua relação mistificado, entretanto, Sáenz era casada. Ela é descrita como uma incansável soldada que constantemente desempenha atos de heroísmo e espionagem. Bolívar, o herói que conquistou a grande vitória, sucumbiu aos seus encantos.

Do mesmo modo, o cientista francês Jean Baptiste Bossuignault traçou de registrar em suas memórias (1900) impressões sobre essa personagem que construiu sua vida. Manuela Sáenz é por ele retratada essencialmente como uma mulher de vida excêntrica e louca, que se vestia tanto com trajes femininos quanto masculinos, criava animais exóticos, divertia-se e relacionava-se sem pudor. Por isso é vista como catimete, mas também ingenuidade e leviana, magnificando o olhar sobre sua personalidade e intrigando quanto a natureza exuberante daquela terra.

Igualmente pitoresca é a atmosfera que envolve a figura de Sáenz concebida pelo consagrado escritor peruano Ricardo Palma, que conta as penas e as alegrias de "Favosita" do Libertador (1818) em uma de suas tradições.

Manuela Sáenz (1795-1828), heroína da luta por liberdade. Fonte: Figueras, 196. W. B. E. de la Universidad de los Andes.

77

Conheço o monstro, já vivi em suas entranhas

Fonte: Memorial da América Latina.

No final do século XIX, o escritor revolucionário cubano José Martí propôs a necessidade de união das nações latino-americanas diante da ameaça imperialista dos EUA

Regiane Gouveia

O poeta, jornalista, filósofo e pensador cubano José Martí (1853-1895), um homem sincero de donde "crece la palma", foi um dos intelectuais mais conscientes e influentes em toda a América Latina na virada do século XIX para o XX. Suas críticas e artigos publicados em jornais do México, Argentina e Venezuela, bem como os ensaios e discursos políticos influenciaram profundamente a intelectualidade do continente. Seus escritos republicanos e revolucionários permitem compreender a polaridade construída entre a América Latina e os Estados Unidos.

O território dos EUA, que em fins do século XVIII era uma estreita faixa atlântica, formada por treze ex-colônias, se transformava radicalmente durante os Oitocentos, expandindo-se até o Pacífico, na chamada Marcha para o Oeste. A guerra de Secessão (1861-1865), com as fronteiras consolidadas, a nacionalização do processo econômico e industrialização. Com isso, nos três décadas finais do século XIX e início do XX, o país tem a necessidade de buscar novos mercados para escoamento de sua produção industrial.

Nesse contexto, o Pacífico e a América Central ganharam enorme importância para a ascensão política estadunidense. A influência econômica se deslocou também para a região caribenha, reservada a receber investimentos e a atender as novas necessidades estratégicas e militares norte-americanas.

Tratava-se da retomada e atualização da Doutrina Monroe, "a América para os americanos". Formulada em 1823 contra a intervenção das potências europeias. A retomada da ideia de um Congresso panamericano e a proposta de um tratado de comércio dessa ampliação dos interesses da potência emergente.

No final do século XIX, portanto, o progresso dos Estados Unidos vinham demonstrando, mais a sua política expansionista, contribuindo para que a influência norte-americana fosse percebida cada vez com mais frequência maior e vista como uma ameaça para as nações independentes da América Latina.

Observador atento das transformações pelas quais a América Latina passava, José Martí refletiu criticamente acerca deste momento. Ele procurou definir uma identidade própria para o continente, propondo a unidade da América Latina – tal como Simón Bolívar (1793-1830) defendia décadas antes. Ambos pensaram a integração da América Latina como estratégia de sobrevivência das nações independentes do domínio ibérico. Assim como Bolívar, Martí teve forte impacto sobre a intelectualidade hispano-americana.

Embora participasse ativamente da vida política de seu país, Martí escreveu os discursos em nome da América, não se restringindo aos problemas de Cuba. Essa forma de se expressar, abrangendo o continente latino-americano e excluindo os Estados Unidos, tinha uma relação com o momento político, social e econômico em rápida transformação em fins do século XIX e início do XX.

Os esforços de Martí, desde então, foram voltados para tornar Cuba independente. No final do século XIX, a ilha permanecia colônia da Espanha, assim como Porto Rico. Quando jovem, o escritor foi preso e degradado, obrigado a passar longos anos fora de Cuba. Viveu na Espanha, no México, na Venezuela e nos Estados Unidos. Do exílio, contri-

Manoel de Araújo Porto Alegre, o Visconde de Albuquerque. Fonte: Wikimedia Commons.



81

Considerações finais

A partir da análise das três últimas edições publicadas da revista *Nossa América* é possível constatar que a publicação adota valores-notícia latino-americanos e decoloniais como critérios de noticiabilidade.

Os critérios de noticiabilidade, numa teoria latino-americana e decolonial de jornalismo (BARBOSA, 2022) são: adotar o conceito de América Latina a partir da identidade histórica e geopolítica e não fronteiriço ou linguístico; dar prioridade para fontes e autores que amplifiquem as vozes dos latino-americanos historicamente silenciados, como negras, negros e indígenas e, conseqüentemente, priorizar, como valor-notícia, os elementos da cultura popular latino-americana.

Referências

- BARBOSA, A. Por uma teoria latino-americana e decolonial do jornalismo: critérios de noticiabilidade para o jornalismo latino-americano: o caso da revista *Nossa América* 2022. Revista *Alterjor*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 03-19, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/199047>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- BOLÍVAR, S. **Carta de Jamaica**. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2021.
- GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MIGNOLO, W. D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.
- PENA, F. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PRADO, M. L.; PELLEGRINO, G. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2020.
- RAMOS, V. **Manuel Ugarte: o sonho da Pátria Grande**. Florianópolis: Insular, 2014.
- RIBEIRO, D. **A América Latina existe?** Rio de Janeiro: Biblioteca Básica Latino-americana/Fundação Darcy Ribeiro, 2021.
- REVISTA NOSSA AMÉRICA**. São Paulo, n. 57, 2021. Disponível em <https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Nossa-Am%C3%A9rica-57_2021.pdf> . Acesso em: 28 ago. 2022.

REVISTA NOSSA AMÉRICA. São Paulo, n. 58, 2022a. Disponível em <https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2022/02/Nossa-Am%C3%A9rica-58_vers%C3%A3o-digital.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

REVISTA NOSSA AMÉRICA. São Paulo, n. 59, 2022b. Disponível em <<https://memorial.org.br/nossa-america-59/>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ROUQUIÉ, A. América Latina: introducción al Extremo Occidente. 2ª. ed. México, Siglo Veintiuno, 1994.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Cia das Letras, 2019. (Ed. Kindle)

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.

WALSH, C. (Org.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial:** reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/ Ediciones Abya-Ayla, 2005.

ⁱ Para Catherine Walsh (2005, p. 14-15), ser decolonial significa “el interés de articular desde América Latina, pero en conversación con otras regiones del mundo, proyectos intelectuales y políticos que ponen en debate pensamientos críticos con el objetivo de pensar fuera de los límites definidos por el neoliberalismo y la modernidad, y con el propósito de construir mundos y modos de pensar y ser distintos”.